

# ANNA HIBISCUS



**Atinuke**

Ilustração Lauren Tobia  
Tradução Carolina Candido

**CARAMBAIA**

Para as crianças de Fachongle

A.

Para Paul, Lizzie e Alice,  
minha família e amigos

L. T.



**As férias de  
Anna Hibiscus**

7

**Titia Conforto**

35

**Anna Hibiscus  
vende laranjas**

65

**Doce neve**

83



## **As férias de Anna Hibiscus**

Anna Hibiscus mora na África. Maravilhosa África. Ela mora em uma casa antiga e branca, com varandas e escadas secretas. Uma casa incrível, com um lindo jardim, dentro de um condomínio enorme. As árvores ficam carregadas de frutas doces e maduras e as flores têm um néctar suave, porque estamos falando da África e na África é assim. Fora do condomínio, fica a cidade. Uma cidade fabulosa com lagoas e pontes e estradas, com arranha-céus e favelas.

Anna Hibiscus mora com a mãe, que veio do Canadá, e com o pai, que é da África. Ela mora com a avó e o avô, as tias e os tios, os muitos e muitos primos e com seus irmãozinhos bebês, os gêmeos Confusão e Gritaria.

A família de Anna tem tanta gente que ela nem consegue contar todo mundo.



Anna Hibiscus nunca está sozinha. Sempre tem primos com quem brincar e brigar, tios e tias sempre rindo e gritando, e a mãe, o pai, a vovó e o vovô estão sempre por perto.

Para ficar sozinho na casa de Anna Hibiscus, você precisa se esconder. Às vezes, Anna se enfia num lugarzinho frio, empoeirado e esquecido e espera por aquele momento empolgante em que a família começa a procurar por ela. Então, um primo ou tio a encontra e as tias agradecem a Deus!



Certo dia, a mãe de Anna contou à família que, no Canadá, cresceu em uma casa em que moravam apenas ela, a mãe e o pai.

— Como é! – tia Grace gritou. — Sozinhos? Só vocês três?

— Sim, e eu tinha um quarto só para mim – a mãe de Anna respondeu com jeitinho de quem sente saudade.

A avó de Anna olhou para ela.

— Eles faziam você dormir sozinha? – perguntou.

— Não era um castigo – a mãe de Anna disse. — Era bom ter um quarto só pra mim.

Anna Hibiscus e os primos trocaram olhares. Imagine só! Dormir sozinha. Sozinha no escuro!

— Ninguém gosta de dormir sozinho – a avó de Anna afirmou.

Anna Hibiscus apoiou a bochechinha quente e negra no braço branco da mãe.

— Não se preocupe, mamãe – ela falou –, agora você tem a gente. Nunca mais vai ficar sozinha.

Mas, na semana seguinte, o pai de Anna informou:

— Anna Hibiscus, vamos sair de férias. Sua mãe e eu, com você e seus irmãos. Vamos ficar numa casa na praia.

— Só a gente? – Anna perguntou. Era difícil de acreditar.

— Só a gente – o pai respondeu. — Férias bem tranquilas.

A mãe de Anna Hibiscus sorriu.

— Mas, papai – Anna observou –, quem vai cozinhar e fazer compras e limpar e... tudo? Quem vai cuidar do Confusão e do Gritaria? E eu? Com quem eu vou brincar?

— Eu vou ajudar sua mãe a organizar tudo – o pai de Anna disse. — Você, Anna Hibiscus, vai cuidar dos seus irmãos. E pode brincar com eles.

— Mas eles são bebês! – Anna choramingou.

— Exatamente! – o pai respondeu. — Agora, chega de causar problemas. Vamos lá fazer as malas.

Uma semana depois, Anna Hibiscus, o pai, a mãe, Confusão e Gritaria e todas as caixas e malas atravessaram a estrada em direção à lagoa para se espremerem numa canoa pequenina. Toda a família acenava para eles.

— Não demorem! – eles gritavam. —  
Voltem logo!

A lagoa passava por baixo e ao lado de ruas movimentadas e arranha-céus enormes; passava por mercados maiores do que cidades. Pela primeira vez, Anna Hibiscus viu como a cidade era grande. Ela era gigantesca.



E depois sumiu.

De repente, não eram mais prédios que lotavam as margens da lagoa. Eram árvores. Árvores tão altas e tão cheias de folhas, grudadinhas umas nas outras, que Anna não conseguia ver dentro da floresta escura. Ela só viu pessoas na margem uma vez, pareciam tão pequeninas.

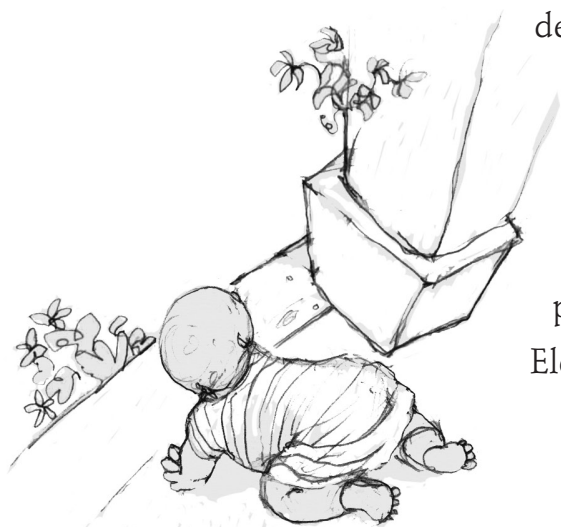
A manhã virou tarde e virou noite enquanto eles viajavam, devagar devagarinho. Então, Anna viu a ilha! Uma praia branca de areia com árvores pequenas e, atrás delas, uma casa de madeira arejada e pintada de branco.

Já era tarde quando eles tiraram todas as caixas e sacolas do barco e subiram para a casa de praia. O pai de Anna Hibiscus acendeu os lampiões e a mãe esquentou a comida. Estavam todos tão cansados de respirar a brisa do mar e carregar caixas e sacolas que foram direto para a cama. Até Confusão e Gritaria dormiram direto até de manhã.

Quando Anna e a família acordaram, viram que a casa de praia estava coberta de pó e sujeira. Por toda parte havia teias de aranha e baratas mortas. As coisas deles ainda estavam nas caixas e malas. Todos estavam famintos. Tinha muita coisa a ser feita.

Depois do café da manhã, Anna teve de cuidar de Confusão e Gritaria. Eles ficaram no andar de baixo, na varanda fresca e abrigada pela sombra, mas os meninos não paravam de engatinhar até a beiradinha. Não tinha nenhuma porta que Anna pudesse fechar. Ela corria de um lado para o outro agarrando um irmão de cada vez e colocando-o de volta no meio da varanda.

Ela já estava com muito calor e coberta de suor quando, por fim, usou um lenço da mãe para amarrar os irmãos na perna da mesa. Eles gritaram



e berraram. O pai de Anna veio correndo.

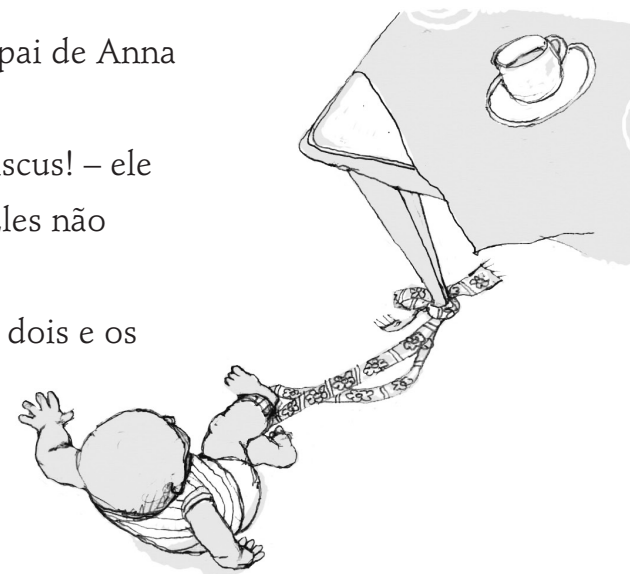
— Anna Hibiscus! – ele protestou. — Eles não são cabras!

Ele soltou os dois e os observou engatinharem depressa em direção à beirada da varanda.

— Entendi – ele suspirou. — Confusão e Gritaria! – e gritou para a mãe de Anna: — Vou levar Anna Hibiscus, Confusão e

Gritaria para a praia. Lá não tem nenhuma beirada para eles caírem.

A mãe de Anna Hibiscus surgiu na porta da cozinha. Ela tinha sujeira no rosto e teias de aranha nos cabelos. — Tá bem – ela suspirou.





Na praia, os meninos queriam engatinhar oceano adentro. As ondas batiam em seu nariz e espirravam a água salgada em seus olhos. Eles se engasgaram, sufocaram e tossiram.

O pai de Anna levou os dois para brincarem debaixo das árvores.

— Vá nadar sozinha, Anna Hibiscus – ele disse. — Eu vou ficar aqui com seus irmãos.

Anna não se sentia segura para se aventurar no mar sozinha. E se uma daquelas ondas enormes surgisse e ela se afogasse? Não teria nenhum tio ou tia para salvá-la.



Ela colocou um dedão na água, mas não tinha nenhum primo para ajudá-la a criar coragem.

Anna Hibiscus ouvia Confusão e Gritaria berrando e esperneando. Eles queriam voltar a engatinhar para dentro da água. Não estavam com medo.